

APRENDIZAGEM EM EaD: O DIÁLOGO DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL NO DISCURSO DAS LINGUAGENS E NO PARADOXO DAS DISTÂNCIAS

Aldo Sena de Oliveira¹, Marcos Aires de Brito², Tereza Cristina Rozone de Souza³,
Natália Bruzamarello Caon Branco⁴

¹ Universidade Federal de Santa Catarina/Centro de Ciências Físicas e Matemáticas/Departamento de Química, aldosenavix@gmail.com

² Universidade Federal de Santa Catarina/Centro de Ciências Físicas e Matemáticas/Departamento de Química, marcosqmc@gmail.com

³ Universidade Federal de Santa Catarina/Centro de Ciências Físicas e Matemáticas/Departamento de Química, tereza.cristina@ufsc.br

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina/Centro de Ciências Físicas e Matemáticas/Departamento de Química, nataliabcranco@gmail.com

Resumo – Neste artigo apresenta-se a importância da linguagem na mediação dos processos pedagógicos em EaD. Utilizam-se as contribuições da teoria histórico-cultural, partindo do pressuposto de que as necessidades sociais e educativas são intermediadas por questões da linguagem. Destaca-se a importância do desenvolvimento de práticas considerando as potencialidades de promoção de vínculos, inclusive afetivos, que proporcionem a minimização das “distâncias” em EaD. Os esforços se orientam no sentido de reconhecer a utilização das ferramentas tecnológicas na comunicação virtual visando otimização de possibilidades de interação que se são capazes de reduzir as separações temporais e espaciais na EaD. Entende-se que os estudos que envolvem as linguagens são de suma importância no sentido de elaboração de propostas que contribuam com a compreensão de como utilizar os recursos da comunicação virtual para efetivação de uma linguagem escrita própria a EaD, que apoie a interatividade e possibilite aprendizagens múltiplas.

Palavras-chave: aprendizagem, linguagem, comunicação virtual, distância

Abstract – This article presents the importance of language in mediating the pedagogical processes in distance education. Contributions of cultural-historical theory are used, assuming that the social and educational needs are mediated by issues of language. Highlights the importance of developing techniques considering their potential for promotion of ties, including affective ties, providing reduction of the "distance" in distance education. The efforts are geared towards recognizing the use of technological tools in virtual communication for optimization possibilities of interaction that are able to reduce temporal and spatial separation in distance education. It is believed that studies involving languages are of paramount importance in order to elaborate proposals to contribute for understanding how to use the features of virtual communication for the effectiveness of a written language used in distance education, which can support interactivity and enables multiple learning.

Keywords: learning, language, virtual communication, distance

Contemporaneidade e educação a distância

A sociedade contemporânea vem acompanhando uma série de mudanças nas últimas décadas, em função de profícuas alterações que estão ocorrendo quando se refere à dinamização da informação. Pluralizaram-se as possibilidades de acesso aos mais diversos meios de comunicação que, de certa forma, demonstram maior democratização na disponibilização de temáticas, em uma sociedade construída por sujeitos interconectados.

Esse contexto pós-moderno caracteriza-se por um complexo nível de informações e de interação entre pessoas. O compartilhamento de informações *on-line*, a produção colaborativa e a socialização do conhecimento se diferenciam do modelo de outras mídias como o rádio e a televisão, em que os espectadores ainda prestam papéis de receptores passivos. Essas tecnologias permitiram apoiar a aprendizagem interacionista na educação a distância (EaD), com utilização de ambientes virtuais contendo fóruns de discussão, *webchats*, vídeos, *webtecas*, entre outros (Oliveira et al., 2014). Para Xavier (2010) a globalização criou o que ele já considera uma nova ordem mundial, caracterizada pelo que chama de *tecnocracia*, trazendo mudanças econômicas, ideológicas e políticas.

Nesta “nova” realidade, a educação a distância pode ser problematizada segundo as suas potencialidades no que tange o acesso quase que irrestrito aos vários campos do saber. É possível pensar ambientes multi disciplinares para os quais se procura a consolidação de aprendizagens, ainda que o componente interativo professor-aluno seja reduzido quando se considera apenas os espaços físicos formais da sala de aula e do universo acadêmico. Por outro lado, considera-se que os espaços virtuais podem viabilizar um atendimento mais individualizado e um acompanhamento mais detalhado do aluno por parte do professor, através de dados quantitativos registrados ao longo das atividades. Pode-se dizer que há um importante componente interativo que encurta a distância entre o aluno e o professor neste caso. Então, um aluno pode sentir-se mais distante de um professor com o qual desenvolva atividades presenciais quando comparado a um professor que lhe permita mais interação, ainda que estejam vinculados a uma modalidade não presencial de ensino.

Este paradoxo é um dos pontos de partida para discutirem-se questões que envolvem o ensino a distância, para problematizar estratégias psicopedagógicas que têm permeado a prática educativa em disciplinas para cursos superiores oferecidos na modalidade a distância.

Partindo do pressuposto de que as necessidades sociais e educativas são intermediadas por questões da linguagem (Leffa, 2001), propõe-se o desenvolvimento de práticas na EaD considerando as potencialidades de promoção de vínculos, inclusive afetivos, que proporcionem a minimização das “distâncias”. Os esforços se orientam no sentido de reconhecer a utilização das ferramentas

tecnológicas na comunicação virtual visando otimização na velocidade de compartilhamento de ideias, pensamentos e aprendizados.

A temática da educação a distância será abordada no interior da discussão das aprendizagens como resultantes da comunicação e da cultura. Neste sentido, Santaella (2002) já havia relacionado o conceito de comunicação à cultura:

“quaisquer meios de comunicações ou mídias são inseparáveis das suas formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio”. (Santaella, 2002, p. 45-6)

As discussões propostas entrecruzam os referenciais estruturalistas e pós-estruturalistas de interpretação e análise. Recentemente foi publicado (Oliveira et al., 2014) um artigo no qual discute-se o papel da educação compartilhada em EaD, tomando como base a teoria histórico-cultural utilizando o referencial do Vygostky. Neste trabalho, será discutida a polissemia das linguagens estabelecidas na EaD como um diálogo proposto pela teoria histórico-cultural. Não serão discutidos os interacionismos típicos do referencial teórico, mas como a partir do entendimento da linguagem, novas práticas educativas podem ser estabelecidas no ensino a distância.

Linguagem e comunicação em EaD: alguns pressupostos

Historicamente pode-se observar o desenvolvimento de novas formas de comunicação que ampliaram as relações entre os “transmissores” e “receptores” de mensagens. Com o advento de novas ferramentas dialógicas, os hipertextos promoveram a minimização da linearidade impostas anteriormente nas fases oral e escrita. Para Gontijo (2004):

A história das comunicações evolui no mesmo trilho da história da humanidade. Pelo simples fato de que a última só existe porque de alguma forma foi relatada de pai para filho, de tribo para tribo, de cidade para cidade, de país para país por meio de indivíduos e de tecnologias que expandiram os recursos do corpo humano. Os meios de comunicação são extensões de nosso corpo, e suas mensagens, de nossos sentir e pensar. (Gontijo, 2004, p. 11)

Para a EaD, observa-se a necessidade de se elaborarem estratégias de significação e articulação entre os conteúdos específicos e o excesso de informação que pode estar presente nos ambientes virtuais. Essa rede intrincada de saberes em construção busca tornar inteligível os sujeitos e seus processos de aprendizagem em desenvolvimento e aperfeiçoar os processos educativos com vistas à maximização das possibilidades de aprendizado.

Quando se trata de comunicação virtual, deve-se considerar a velocidade de processo das informações. Para Franco e Braga (2007, p. 1), a:

comunicação virtual é toda a comunicação que se faz usando um

computador. Podemos comunicar recorrendo ao teclado, ao som e à imagem. A comunicação pode ocorrer em tempo real – síncrona (bate-papo), ou off-line - assíncrona, deixando mensagens (e-mails).

Segundo Quintas-Mendes (2010) a comunicação virtual pode ser mediada pela utilização de diversos recursos tecnológicos, ao contrário do que se pensava, pode:

apresentar uma coloração socioemocional muito forte, em muitos aspectos não inferiores à comunicação face-a-face, sendo bastante favorável à criação de comunidades de aprendizagens com relações sociais fortes e desempenhos de tarefa comparáveis à comunicação presencial (QUINTAS-MENDES *et al*, 2010, p. 258).

Entende-se que a aprendizagem passa pela participação ativa dos estudantes quando são propostas atividades no AVEA (Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem). Estas atividades denotam de certa forma a preocupação com a diminuição da percepção de distância física. As atividades de compartilhamento de saberes implicam então em importantes processos dialógicos através das múltiplas linguagens, em especial a escrita, para facilitar o entendimento do aluno, frente às limitações temporais e espaciais.

Em meio a diversos recursos tecnológicos, viabilizam-se as possibilidades de garantia de relações subjetivas e objetivas entre professores/tutores/alunos, se houver uma utilização apropriada das formas de comunicação. O distanciamento físico não pode comprometer a aprendizagem se o diálogo e uma comunicação de qualidade forem de fato realizados.

A relação estabelecida pelo entreter das diversas temáticas fazendo uso das tecnologias se resume à comunicação primária e secundária. Para Zuin (2010, p. 972) a “comunicação primária, que se objetiva nas relações presenciais, deveria ser estimulada pelos recursos tecnológicos que propiciam a chamada comunicação secundária, efetuada a distância”. Sendo assim, a “comunicação primária não deve ser subordinada à secundária, mas sim ser reforçada por esta”, de forma a permitir o diálogo mediado pelos recursos midiáticos nos espaços virtuais.

A seguir apresenta-se uma breve contribuição da teoria histórico-cultural para subsidiar o entendimento do papel da linguagem na aprendizagem em EaD.

A Teoria Histórico-Cultural: o papel da linguagem no aprendizado em EaD

Ao levar em consideração que a construção do conhecimento se dá por mecanismos desencadeados pela linguagem, desloca-se o foco da ausência de contato físico estabelecido entre professor/aluno para a maximização de estratégias preocupadas com a qualidade da linguagem utilizada no AVEA que podem mediar esta relação na promoção das aprendizagens.

De acordo com Vygotsky (1991), todas as funções cognitivas básicas do

indivíduo ocorrem conforme a sua história social, e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social. Portanto, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo, não são determinadas por fatores congênitos. São resultados das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve. Conseqüentemente, a história da sociedade na qual o sujeito se desenvolve e a história pessoal deste são fatores que irão determinar a sua forma de pensar. Neste processo a linguagem tem um papel fundamental na determinação de como o sujeito vai aprender a pensar, uma vez que as formas avançadas de pensamento são transmitidas ao sujeito através de palavras.

Começa-se a questionar as atividades desenvolvidas no AVEA. Se a linguagem exerce um papel fundamental na aquisição de novas formas de pensamento que resultam em aprendizado, em que medida ocorre uma transposição didática por parte dos docentes no sentido de tornar inteligíveis os dados, fatos e objetos hospedados no AVEA? A partir de quais pressupostos e quais instrumentos de linguagem é possível tornar acessível as temáticas das disciplinas, com vistas à significação por parte dos estudantes?

As concepções de Vygotsky (1993) sobre o funcionamento do cérebro humano são que o cérebro é a base biológica e suas peculiaridades definem limites e possibilidades para o desenvolvimento humano. As funções psicológicas superiores são construídas ao longo da história social do homem, em sua relação com o mundo. Desse modo referem-se a processos voluntários, ações conscientes, mecanismos intencionais e dependem de processos de aprendizagem. Para Vygotsky a linguagem é um sistema simbólico dos grupos humanos, representam um salto qualitativo na evolução da espécie. Ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. É por meio da linguagem que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas, portanto, sociedades e culturas diferentes produzem estruturas diferenciadas.

Cabe a compreensão do sentido polissêmico que pode fundamentar a definição de linguagens. Ao se propor diferentes formas de apresentar um determinado conteúdo, seja por meio da utilização de uma enquete, de um fórum de discussão, do trabalho com uma hipermedia ou a utilização de um recurso pedagógico, propõem-se múltiplas ferramentas de codificação de um determinado conteúdo pelo uso de múltiplas linguagens. Esta multiplicidade torna o Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), um caminho onde se articulam linguagens à medida que são estabelecidas diferentes relações no plano psíquico dos alunos.

O estudo destas relações é fundamental para se compreender o funcionamento psicológico do ser humano e para contribuir com a qualidade do ensino e com o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Para Vygotsky (1993), a análise do pensamento e da linguagem refere-se às relações

entre diferentes funções psicológicas nas diferentes classes de atividades da consciência. O aspecto central desta questão é a relação entre o pensamento e a palavra. O autor aborda que a criança ao aprender uma palavra mal começou o seu aprendizado. É no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em um pensamento verbal.

A linguagem de acordo com Leontiev (1978), Luria (1987), e Vygotsky (1993), têm a função de comunicar, regular o comportamento, planejar ações, generalizar o conceito e experiências que designam coisas, ações e relações. Vygotsky esclarece que o desenvolvimento da linguagem ocorre em três estágios: linguagem externa, egocêntrica e interna. A linguagem externa tem a função de comunicar, de estabelecer relações entre os sujeitos. A linguagem egocêntrica é uma fase transitória entre a linguagem externa e interna: é um elemento constitutivo da atividade, que organiza o pensamento permitindo planejar sua ação. Paulatinamente, a linguagem egocêntrica muda sua função, convertendo-se em linguagem internalizada. Nesse momento, o indivíduo alcança uma nova forma de pensar, que é o pensamento verbal. Assim, a fala que é geneticamente social, no decorrer do desenvolvimento do indivíduo, passa a ser individual, conforme se desenvolve, modificando o pensamento que, uma vez modificado, também interfere no desenvolvimento da linguagem.

Neste sentido, o trabalho docente ganha sentido na elaboração de atividades que permitam a superação da dimensão egocêntrica e que facilitem a internalização desta linguagem. Isto só é possível quando a temática abordada no AVEA é mediada pelo professor/tutor, que tornam possível a inteligibilidade do objeto do conhecimento abordado dentro de uma temática em especial.

Para Vygotsky (1993), o pensamento e a linguagem têm raízes genéticas distintas e se sintetizam dialeticamente no desenvolvimento cognitivo, quando nesse processo, a linguagem se converte em pensamento, e o pensamento em linguagem. A linguagem atua sobre a organização do pensamento e sobre a maneira de pensar do homem, organizando o pensamento e o estruturando convenientemente. Para este autor, o pensamento é o reflexo generalizado da realidade e a generalização se efetua por meio da linguagem. O pensamento sobre algo concreto está unido inseparavelmente ao pensamento sobre algo real enquanto a palavra é uma abstração. Assim é possível inferir que, a linguagem é uma faculdade universal com função de comunicar, e realizar abstrações, o que não pode ser tomado como um ato mecânico, entre a linguagem, o pensamento e a cognição.

Quando se refere à linguagem utilizada nos ambientes virtuais, deve-se considerar as três dimensões que envolvem: o uso da língua, a natureza enunciativa e os gêneros discursivos (Crystal, 2001). Freitag (2006) corrobora nesse sentido, pois:

Do ponto de vista do *uso da língua*, a pontuação é quase abolida, há a proliferação de siglas e abreviaturas não convencionalizadas pela norma padrão, a estrutura das frases é extremamente simples (não há período

composto) e a escrita é semi alfabética, baseada nas noções fonéticas e não nas convenções ortográficas da língua. Do ponto de vista da *natureza enunciativa*, observa-se mais emprego de semioses, por meio dos *emoticons* ou arte ASCII, do que usualmente ocorre na escrita, dada a natureza do meio em que ocorre a interação. Do ponto de vista dos *gêneros discursivos* ocorre a adaptação de alguns gêneros já existentes ao meio virtual e o desenvolvimento de outros realmente novos.

Caso consideremos as diferenças envoltas entre fala e escrita se estabeleçam dentro de um *continuum* tipológico de práticas sociais e não dicotomicamente, o contexto das mensagens digitais e eletrônicas explicita e intensifica a relação dialética entre oralidade e escrita (Marcuschi, 1995, p.13).

De acordo com Vygotsky (1993), a linguagem é o meio pelo qual o indivíduo percebe o sentido das coisas, bem como é através dela que o homem se constrói enquanto sujeito. É através da linguagem que o indivíduo organiza sua vida mental e esta se estabelece como elemento essencial na constituição da consciência e do indivíduo. A palavra passa a possuir enorme valor, já que é através dela que é estabelecida a relação social. A consciência e o pensamento são construídos com palavras e ideias que se formulam nas interações. Nestas o outro tem um papel significativo onde à realidade humana passa a ser conhecida a partir da análise da linguagem. Vygotsky (1993) estabelece a relação da linguagem com o sujeito, bem com as relações desse com outros sujeitos e com a sociedade em geral. Neste processo, a linguagem constrói o pensamento e o próprio sujeito, sendo que por meio dela é que o ser humano constrói sua realidade, seu universo, situando-se e sendo situado.

Na perceptiva da Teoria Histórico-Cultural, a forma de pensamento não tem um conteúdo próprio, elas antes de serem individuais são sociais, ou seja, primeiro ocorre no nível social, entre as pessoas ao que Vygotsky enfatiza de intersíquico, e somente depois que passará para o interior da criança no intrapsíquico. Partindo desse pressuposto, as formas do pensamento estão ligadas às relações sociais e às condições particulares do ambiente físico e cultural em que o sujeito esta inserido. Cada indivíduo se apropria por meio dos objetos físicos e dos significados linguísticos, tanto de conteúdos como formas de pensar, que estão disponíveis no seu convívio, ao assimilar o conteúdo vinculado por esses instrumentos e, ao mesmo tempo por meio deles, assimilar as formas de pensar, perceber, analisar e interpretar.

Diante das afirmações torna-se evidente que o desenvolvimento psíquico depende da organização social. Outro aspecto importante a considerar, é que a organização das relações sociais é enraizada historicamente, portanto, a formação dessas capacidades antes de ser desenvolvida pela criança individualmente, encontra-se disponíveis na sociedade, na cultura, na interação entre as pessoas. Essas capacidades são compartilhadas, onde a internalização das funções psíquicas é um processo apropriado e transformado socialmente.

É importante salientar que a linguagem escrita quando realizada nos

ambientes virtuais acaba por incorporar elementos de oralidade que a tornam mais flexível. Para Marcuschi e Xavier (2004), torna-se possível a identificação de uma desconstrução da oposição entre fala e escrita no contexto das novas tecnologias da informação e da comunicação, num hibridismo que ainda não é bem conhecido e acaba, muitas vezes, sendo mal-compreendido.

A versatilidade e dinamização de formas de linguagem se traduz pela existência de novos gêneros textuais, que podem ser utilizados no desenvolvimento das disciplinas em EaD, como utilização de *blogs*, *chats* que resultariam no uso de recursos como neografias fonetizantes, silabogramas, alongamentos gráficos, onomatopeias, siglonimização, hipocóricos e outros elementos que caracterizariam a linguagem escrita da Internet (Freitag, 2006). Neste sentido, as relações interpessoais são estabelecidas no contexto do ciberespaço tanto por intermédio de gêneros textuais quanto pela utilização de novas formas de linguagem.

Se conceber-se na mediação pedagógica que a escrita digital é de suma importância no estabelecimento da relação professor-aluno, dentro das possibilidades tecnológicas, reconhece-se a viabilidade e pertinência de relações subjetivas entre professor/aluno/tutor. Estas relações são importantes no estabelecimento da comunicação e no diálogo, indispensáveis ao aprendizado, especialmente quanto lidamos com EaD.

O paradoxo das distâncias

Considera-se que as atividades educativas envolvendo proximidade física e compartilhamento simultâneo no tempo-espaço de propostas pedagógicas, como no ensino presencial, não são garantias e condições únicas para as aprendizagens. O distanciamento físico não deve comprometer a realização de atividades didático-pedagógicas caso se preserve a comunicação em um diálogo de qualidade, como exposto anteriormente.

De acordo com Zuin (2006) não se deve ser ingênuo ao ponto de acreditar que a simples presença do professor seja garantia de ensino de boa qualidade, sendo frequente em muitas ocasiões presenciais, o estabelecimento de um pacto de mediocridade, no qual o professor finge que “ensina” e os alunos fingem que aprendem. Para o mesmo autor em sua outra produção bibliográfica:

Não se pode afirmar que as relações presenciais entre os agentes educacionais garantam por si só a ocorrência do elo pedagógico fundamentado no respeito e na aproximação efetiva entre os professores e alunos, haja vista o fato de que muitos professores se ausentam presencialmente no transcorrer de suas aulas, principalmente quando desqualificam seus alunos e se julgam os únicos portadores da verdade; ou, então, dos alunos, cujo descaso de sua presença física denuncia a distância de seus interesses em relação ao conteúdo das matérias. (ZUIN, 2010, p. 973)

Tori (2010, p. 57) aponta em seus estudos que a “denominação ‘educação a distância’ envolve invariavelmente a separação geográfica entre estudante e instrutor e, em alguns casos, também a separação no tempo”. Apesar das separações físicas, existem tecnologias com capacidades de reduzir tais limitações temporais e espaciais, possibilitando o que ele chama de ‘educação sem distância’. Tori explica que:

É perfeitamente possível ao aprendiz se sentir próximo ao professor, ou presente em uma atividade de aprendizagem, mesmo se encontrando afastado geograficamente.(...) Além disso, não é apenas na relação aluno-professor que a sensação de distância ou de presença se manifesta em um contexto educacional. A sensação de proximidade aos colegas é também importante parâmetro motivacional e de apoio ao aprendiz. (Tori, 2010, p. 57)

Alguns autores consideram que o conceito de presença não se restringe à simples localização física, mas que leva em consideração importantes questões mediadas pelas linguagens:

Estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares, reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso (Kenski, 2004, p. 67).

A investigação da linguagem no que tange as relações interpessoais no contexto da EaD, com vistas a questões envolvendo afetividade é de grande importância, como aponta Leffa (2001) ao mencionar que inteligência e emoção devem ser investigadas em conjunto, uma vez que uma prática educacional com base na fusão da inteligência com a emoção pode criar novas bases no desenvolvimento da inteligência. Isto implica na necessidade do professor adequar a sua prática pedagógica enquanto faz uso de uma linguagem textual crítica e reflexiva que potencialize o aprendizado.

Acredita-se que o distanciamento físico imposto pela educação a distância possa ser superado então pelas ferramentas linguísticas. Concorda-se com Leffa (2001) quando este afirma que a linguagem escrita da internet, ainda que aparente as características de formalidade, frieza e distância, pode ser semanticamente estruturada de forma a compor e transpor uma cascata de sentimentos e emoções que proporcionem a minimização da sensação de distância. Há elementos e recursos não verbais, como os *emoticons*, que de certa forma contribuem para a demonstração e personificação de sentimentos e emoções ao longo dos ambientes virtuais.

Vale considerar que a dinâmica atingida em aulas presenciais, quando faz uso de metodologias ativas e produção de textos orais de cunho dialógico e dialético, pode fundamentar a escrita digital e estabelecer uma correspondência na

tentativa de se garantir uma melhor comunicação entre professores/tutores e alunos. Esta comunicação deve ser elaborada com a maximização da utilização de mídias interativas e recursos virtuais sob a forma de diálogo.

É durante os fóruns de discussão, chats e mensagens por correio eletrônico, por exemplo, que o diálogo virtual se manifesta. Os questionamentos e as mensagens podem ser (re)vistos, recuperados, (re)tomados e podem sobressair inclusive à efemeridade de um diálogo estabelecido oralmente em espaços de ensino presencial. Nestes espaços, a mediação docente atua no sentido de providenciar novas formas de assimilação do conteúdo trabalhado no AVEA ou a partir da leitura de um livro texto, favorecendo os processos de interação.

Além disto, os registros de diálogos estabelecidos no AVEA podem ser resgatados, oferecendo ao professor importantes elementos e instrumentos de avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Estes registros possibilitam uma análise mais individualizada e com mais elementos de análise individual, quando comparados ao ensino presencial.

Outra questão interessante e que leva a um paradoxo é relativa à utilização de recursos midiáticos propiciados pelo AVEA no ensino presencial. As Universidades Federais, apoiadas pelo MEC, de um modo geral tem aproveitado as práticas educativas desenvolvidas em espaços virtuais, hospedados no moodle (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*), como estratégia de apoio ao ensino presencial.

O moodle foi desenvolvido em 1990 por Dougiamas, com o intuito de servir de ambiente para a aprendizagem colaborativa, integrando uma perspectiva construtivista. Nesta concepção a aprendizagem é concebida com foco no estudante de forma que os conteúdos, a ação do professor, o ambiente e seus recursos são direcionados e só tornam-se significativos se contribuírem para a apropriação do conhecimento por parte do educando. Este ambiente virtual apresenta peculiaridades quanto aos aspectos psicológicos, pedagógicos, tecnológicos, culturais e pragmáticos que sustentam esta concepção (Antonenko et al., 2004).

De fato, o moodle tem sido utilizado mundialmente a partir das práticas oriundas da EaD, em um processo de disseminação cultural dessa plataforma (Ruschel et. al, 2010). O moodle geralmente está integrado ao sistema acadêmico da universidade, o que tem facilitado a toda comunidade acadêmica até nas atividades administrativas, como previsto por Ruschel e Rover (2009):

As ações do aluno na interação com o sistema podem e representam hoje o elemento mais analítico da administração escolar. A partir destas informações poderão ser criados mapas sintéticos gerenciais (a exemplo de um plano de contas) que permite consolidações com o uso de indicadores de desempenho em nível de turmas, professores, áreas de concentração, cursos, centros, grandes áreas e a própria universidade. Desta forma, a universidade fará sua gestão a partir da unidade de medida mais elementar da universidade, que é a interação do aluno e do professor na sala de aula

(presencial e/ou virtual) no dia-a-dia do campus. O mais importante é que a entrada de dados analíticos será feita automaticamente pelo próprio sistema, quando antes o professor transcrevia as notas para o sistema. (Ruschel & Rover, 2009, p. 10)

Apesar do moodle oferecer tantos recursos pedagógicos, observa-se na prática a subutilização deste importante espaço de aprendizagem. De acordo com Ruschel et al. (2010) a utilização do moodle, especialmente no caso da Universidade Federal de Santa Catarina, tem sido considerada altamente impactante para alguns docentes, pois, “os professores que estão assoberbados de tarefas terão que investir um bom tempo para o aprendizado do sistema e na qualificação do material e exercícios que serão disponibilizados na rede”. Vale salientar que o moodle neste caso é um “Sistema de apoio aos cursos presenciais”, o qual não teria a intenção de substituir o modelo tradicional presencial.

Os autores deste trabalho observam em disciplinas oferecidas no ensino presencial, um baixo envolvimento dos alunos nas atividades propostas no moodle, ainda que os alunos que estejam cada vez mais imersos em uma realidade caracterizada pela ampla utilização de recursos tecnológicos. No geral, estes recursos quando utilizados acabam por não contemplar atividades acadêmicas e se restringem, em muitos casos, ao acesso a redes sociais, sites de relacionamento e entretenimento.

Para grande parte dos alunos, os recursos virtuais não são incorporados em seus planejamentos pedagógicos e não integram as rotinas de estudo. Apenas a título ilustrativo, insere-se uma fala de um aluno que foi questionado quanto ao uso do moodle em uma disciplina: “professor, se a gente lhe tem disponível, durante toda a semana na UFSC, por que utilizar os fóruns?”. Percebe-se claramente que grande parte dos alunos do ensino presencial evita as facilidades da comunicação a distância, ainda que esta também possa ser de grande importância em seu aprendizado.

Negar as potencialidades adquiridas através do “sucesso” em práticas do ensino a distância, parece mais um paradoxo que deverá ser explorado em outras produções bibliográficas. Acredita-se na aquisição futura de um “modelo híbrido” que seja capaz de otimizar as características mais relevantes das modalidades presencial e à distância de forma simbiótica.

Professores e tutores assumem papéis de gerência pedagógica oportunizando novos diálogos, na medida em que atuam sobre revisão, orientação e mediação dos conteúdos. Quanto mais articulada é a proposta pedagógica e mais dinâmica é a construção e elaboração do AVEA, mais oportunidades (de codificação linguística) são ofertadas e mais democrático se torna o acesso aos conteúdos pluralizando as possibilidades de aprendizado.

Considerações finais

Este artigo não tem a pretensão de esgotar a temática proposta. Acredita-se que o

assunto abordado está passando por franca evolução, como consequência do desenvolvimento tecnológico e suas implicações em EaD. Não objetiva-se chegar a conclusões e generalizações indevidas acerca do tema, mas busca-se entender o processo de comunicação e a relação estreita entre os processos dialógicos e as formas de linguagem utilizadas nos ambientes virtuais. Questiona-se em que medida é possível estabelecer práticas pedagógicas contemplando a pluralidade de recursos disponibilizados pelo desenvolvimento tecnológico, de forma a minimizar os efeitos da distância física impostas pela EaD.

Neste contexto a linguagem exerce um papel crucial na aprendizagem, uma vez que age decisivamente na estrutura do pensamento. Ela é a ferramenta básica para apropriação do conhecimento, uma vez considerada como instrumento capaz de ativar e modificar o desenvolvimento e também a estrutura das funções psicológicas superiores. Neste desenvolvimento, o processo dialógico pode ser estabelecido através da linguagem escrita, preferencialmente objetiva e clara.

A partir do exposto, pode-se considerar a importância de novas investigações de como a linguagem estabelecida a distância pode propiciar vínculos afetivos e que algumas ferramentas tecnológicas podem expressar sentimentos e emoções. Estas são cada dia mais utilizadas em redes sociais e tem grande importância na elaboração de práticas em EaD.

É válido salientar que as relações promovidas a partir da escrita virtual em diferentes recursos em EaD, devem promover a formação de comunidades de aprendizagem, comunidades nas quais “o foco é mais em colaboração do que na leitura de textos” (Moran, 2007, p. 135-136), permitindo a construção de espaços nos quais alunos e docentes se conectam “como *iguais em* um processo de aprendizagem, onde podem se conectar como seres humanos (...) trabalhando com um fim comum, juntos” (Paloff & Prat, 2002 *apud* Moran, 2007, p. 136).

Entende-se que os estudos que envolvem as linguagens, são de suma importância no sentido de elaboração de propostas que contribuam com a compreensão de como utilizar os recursos da comunicação virtual para efetivação de uma linguagem escrita própria a EaD, que apoie a interatividade e propicie aprendizagens múltiplas.

Referências Bibliográficas

- ANTONENKO, P., TOY, S., NIEDERHAUSER, D. Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment: What Open Source Has To Offer. In: *Association for Educational Communications and Technology*, 27th, Chicago, IL, October 19-23, 2004. Disponível em: <<http://www.eric.ed.gov/ERICWebPortal/contentdelivery/servlet/ERICServlet?accno=ED485088>>, acesso em maio de 2014.
- CRYSTAL, D. *Language and the internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

- FRANCO, L. R. H., BRAGA, D. B. *Comunicação Virtual*. Livro Digital. Curso de Design Instrucional para EaD Virtual. Itajubá: UNIFEI, 2007.
- FREITAG, R. M. K. Internet y la lengua portuguesa: cambios a la vista?. In: *III Congresso ONLINE Observatório para a Cibersociedade*, Actas eletrônicas do III Congresso ONLINE Observatório para a Cibersociedade. Barcelona: OCS, 2006.
- GONTIJO, S. *O Livro de Ouro da Comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 6 ed. São Paulo: Papyrus, 2004.
- LEFFA, V. J. *A linguística aplicada e seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/la_sociedade.pdf>. Acesso em abril 2014.
- LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.
- LURIA, A. R. *Pensamento e Linguagem: últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1995.
- MARCUSCHI, L. A., XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MORAN, J. M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papyrus, 2007.
- OLIVEIRA, A. S., BRANCO, N. B. C., BRITO, M. A., SOUZA, T. C. R. Relato sobre docência compartilhada em educação a distância. *Química Nova na Escola*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 37-43, 2014
- PALLOFF, R. M., PRAT, K. *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: Estratégias eficientes para salas de aula on-line*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- QUINTAS-MENDES, A. *et al.* Comunicação mediatizada por computador e educação on-line: da distância à proximidade. In: SILVA, M. *et al* (orgs.). *Educação on-line: cenário, formação e questões didático-metodológicos*. Rio de Janeiro: Walk, 2010.
- RUSCHE, A. J., DYCK, A. F., SCHNEIDER, J. *O uso do moodle na UFSC: do apoio ao ensino presencial à gestão universitária*. 10º Colóquio Internacional sobre Gestión Universitaria na América del Sur. Mar del Plata, 2010.
- RUSCHEL, A., ROVER, A. *O uso das tecnologias web no ensino do direito: a experiência da disciplina Informática Jurídica*. Anais do XVIII Encontro Preparatório para o Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito - CONPEDI SP. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009. ISBN 9788578400293.

- SANTAELLA, L. A. crítica das mídias na entrada do século XXI. In: PRADO, J. L. A. (org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hackers Editores, 2002.
- TORI, R. *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem*. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ZUIN, A. A. S. Educação a distância ou educação distante? O Programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 96 – Especial, p. 935-954, 2006.
- ZUIN, A. A. S. O plano nacional de educação e as tecnologias da informação e da comunicação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 112, p. 961-980, 2010.
- ZUIN, A., PESCE, L. Razão instrumental, emancipação e formação on-line de educadores. In: SILVA, M. *et al* (orgs.). *Educação on-line: cenário, formação e questões didático-metodológicos*. Rio de Janeiro: Walk, 2010.